

# SUMÁRIO

<i>Prefácio – Memória e fantasia</i> .....	13
Wilson Castello de Almeida	
<i>Apresentação – Um congresso libertário numa sociedade reprimida</i> .....	19

## **I. A germinação das ideias morenianas em terras brasileiras**

Moreno e o psicodrama .....	23
O aquecimento preparatório no Brasil .....	26
Os semeadores .....	27
Os congressos internacionais de psicodrama .....	35
O retorno de Íris do Congresso da Espanha .....	36
A repercussão do primeiro psicodrama público em São Paulo .....	38
Di Loreto e Michael Schwarchild convidam Bermúdez .....	40
Nasce o Grupo de Estudos de Psicodrama de São Paulo (GEPSP): 1968 a 1970 ..	42
As aulas de Bermúdez .....	43
O legado intelectual de Bermúdez .....	45
No cenário, as duas cadeiras-símbolo .....	49
A vivência relacional dos aprendizes .....	50
O momento político brasileiro .....	51
No mundo surge a contracultura .....	52
Em Buenos Aires, o Congresso de 1969 .....	54
Uma inventiva educadora introduz o psicodrama pedagógico no Brasil:	
Maria Alicia Romaña .....	57
Novíssimos grupos do GEPSP: NN .....	59
O GEPSP publica a primeira revista de psicodrama do mundo .....	60

## **2. O Masp mostra obras de psicodrama**

No centro da Paulista, o dinâmico e belo Masp .....	65
O encontro de Íris e Uzeda com Lina Bo Bardi .....	67
O projeto cenográfico do congresso e sua criadora, Lina Bo Bardi .....	68
Por que um congresso de comunidades terapêuticas acoplado a um congresso de psicodrama? .....	69
Eis o V Congresso Internacional de Psicodrama e o I Congresso de Comunidade Terapêutica .....	71
Na abertura dos congressos, a diplomação dos primeiros brasileiros psicodramatistas .....	72
O rol de certificados .....	95
Em que ponto se dá a convergência entre o <i>Living Theatre</i> e o psicodrama? .....	104
Compartilhando comentários sobre o congresso .....	106

## **3. Na virada de 1970**

A despedida do GEPSP .....	129
Novas instituições brasileiras: ABPS e SOPSP .....	132
As primeiras escolas de psicodrama pedagógico .....	134
O psicodrama na mídia .....	135
O Congresso de Tóquio em 1972 .....	137
Os encontros argentino-brasileiros .....	139
No Instituto Sedes Sapientiae, o aquecimento para a Febrap .....	140
A Federação Brasileira de Psicodrama .....	140
A primeira revista da Febrap .....	143
Nasce a <i>Revista Brasileira de Psicodrama</i> .....	145
Tributo à memória dos mestres Uzeda e D'Alessandro .....	146
Notas atuais sobre os profissionais do grupo diretor do Congresso do Masp ..	154
Instituições nacionais de psicodrama congratulam o V Congresso Internacional	155

## **4. As palavras dos filhos**

Ode aos pioneiros .....	161
<i>Epílogo</i> .....	163
<i>Referências bibliográficas</i> .....	167

Existe um laço  
Entre mim e os homens,  
Entre mim e cada homem, individualmente,  
Entre ti e todos os outros homens,  
Entre a tua raça e todas as raças,  
De qualquer tempo, no passado ou no futuro.

J. L. Moreno



## PREFÁCIO

### MEMÓRIA E FANTASIA

Vítimas, enfim, fomos todos nós desse medo geral que se apossou do país, que transformou cada qual e fez que praticamente todos enterrassem a cabeça na areia para não ver ao redor.

Flávio Tavares (2005)

Inauguro o prólogo agradecendo a Maria Aparecida Fernandes Martin e Norival Albergaria Cepeda pelo afetuoso convite para ser padrinho deste importante livro de memórias do movimento psicodramático brasileiro, aproveitando para dar-lhes os parabéns, com entusiasmo.

Valeu, amigos.

Ao ser convidado, perguntei-me por que eles haviam me escolhido. Uma hipótese por mim levantada relaciona-se com a neutralidade com que sempre me postei diante das alas “políticas” construídas em certo momento da estruturação do psicodrama no Brasil.

Ao checar a intenção dos autores, percebi que eles me atribuíam uma paixão pelo Congresso de 1970, expressa em escritos e conversas, e que não lhes passara despercebida. Então, desejavam o meu testemunho na qualidade de congressista que o fora, simplesmente, na condição de aluno.

Aí, tudo fez sentido.

Aceitei lembrar, especificamente, o clima emocional do encontro, talvez a face mais intrigante do evento, a ser obrigatoriamente registrada.

Dispus-me a tentar contar para as novas e futuras gerações sobre o notável bulício de ordem política e sentimental que envolveu não só a família psicodramática, mas toda a intelectualidade paulistana daqueles tempos. É função dos mais velhos deixar registrados os fatos e as versões, antes de se transformarem em ficção. É o que me proponho a fazer, atrevidamente: os fatos e as versões segundo o meu viés.

O ano de 1970 fora para mim particularmente decisivo na formação da carreira médica. Exatamente nesse ano, vindo de Minas, comecei a residência em psiquiatria no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, para realizar um sonho da juventude: ser psiquiatra. Nós, mineiros, temos uma admiração embevecida pela cidade e pelo estado de São Paulo, e a sua universidade estadual, a USP, é ícone respeitado e cobiçado. Após a residência, tornei-me médico assistente por concurso, sendo alçado à condição de preceptor de ensino e, depois, em regime de pós-graduação, contemplei-me com o diploma de mestre em Psiquiatria pela USP.

Ainda trabalhando como residente no HC, conheci o querido colega Ronaldo Pamplona da Costa, um jovem irrequieto, inteligente e bem informado. Já iniciado no psicodrama, ele convidava-me para reuniões e palestras sobre o tema e, assim, fez a cabeça do mineirinho. De repente, não mais do que de repente, naquela altura dessa trajetória, me vi capturado por um ideário novidadeiro e transformador do campo das psicoterapias: o psicodrama.

Com espírito de plena adesão, participativo e colaborativo, inscrevi-me no congresso histórico que siderava mentes e corações, transformado em estuário das angústias contidas do país em busca de liberdade. Obrigado, amigo Ronaldo.

O ano de 1970 deve ser compreendido como uma sequência do legado mítico de 1968 e 1969, em seu sonho coletivo de mudanças na ordem social. Se a memória pessoal não me trair, vejamos em flashes o que acontecera naqueles idos.

A Primavera de Praga, a Marcha dos 100 mil no Rio de Janeiro, o assassinato de Martin Luther King, os ataques terroristas contra a peça teatral *Roda-viva*, de Chico Buarque, a minissaia de Mary Quant, novas formas de constituição das famílias, a pílula anticoncepcional, o triunfo político dos vietcongues com a Ofensiva do Tet, o primeiro transplante de coração, feito pelo doutor Barnard, na África do Sul, o auge do cinema novo com Glauber Rocha, o engajamento de parte da Igreja Católica com a teologia da libertação, o III Festival Internacional da Canção com o hino cívico *Caminhando*, de Geraldo Vandré, a liberação sexual, a filosofia hippie e a contracultura (“underground”, dizíamos), o *gay power*, o *women’s lib*, Bob Dylan, Joan Baez, Mercedes Sosa, o XXX Congresso da UNE em Ibiúna (SP), o exílio de Caetano Veloso e Gilberto Gil – e tantos outros acontecimentos a nos causar espanto, como a mobilização popular de maio de 1968 em Paris, a morte de Carlos Marighella numa emboscada, o desembarque do homem na Lua, o “hino da resistência” *Apesar de você*, de Chico Buarque, e o Festival de Woodstock (Era de Aquário) nos Estados Unidos.

Já em 1970 temos a morte de Janis Joplin e Jimi Hendrix, por overdose de drogas, a dissolução dos Beatles (“O sonho acabou”, diria John Lennon), a criação dos DOI-Codis

para a tortura sistemática, a eleição do socialista Salvador Allende, no Chile, e o Brasil tricampeão de futebol.

Todavia, o acontecimento fatídico ocorreria em dezembro de 1968. Tristemente para o Brasil, foi decretado o AI-5 (Ato Institucional nº 5), descendo “como nuvens negras, empanando os céus”.

Foi nesse clima de vitórias e fracassos da inteligência e do humanismo que se decidiu fazer em São Paulo (Brasil) o Congresso Internacional de Psicodrama.

Naquele instante, afirmo sem medo de errar, instalou-se *avant la lettre* um dos polos do fenômeno social que Zygmunt Bauman denominou “utopia do possível”. Diante de uma sociedade mundial, líquida e esgarçada em suas redes sociais de solidariedade, o psicodrama trazia a esperança no potencial humano, capaz de, por meio da espontaneidade/criatividade, apresentar a tarefa de reformar o mundo (sociatria) e a certeza e a crença de que seríamos capazes de fazê-lo (sociometria).

O psicodrama no Brasil realmente mostrou a sua cara naqueles dias maspianos. Nunca deveríamos nos esquecer dessa nossa verdadeira identidade. Herdamos de J. L. Moreno o sonho da liberdade.

A liberdade como característica da linguagem cotidiana: o comportamento livre, criativo, responsável. A liberdade como norma, valor, ideal, reflexão moral, indagação ética e pensamento filosófico. A liberdade como modalidade fundamental do ser, capaz de fazer surgir a expressão mais original de cada um. A liberdade como preocupação universal dos homens, dando-lhes condições de tomar consciência de si mesmos (Sócrates e Freud) e de sua situação no mundo (Sartre e Moreno).

A ideia fundadora tomou forma e conteúdo em “Terra Brasilis” em 1970, no Congresso do Masp. Fato irretorquível.

Uma multidão famélica, ansiosa por romper as amarras totalitárias, lotou todos os cantos do museu. Três mil congressistas! Apreciem a foto da capa do livro e procurem, dentro da realidade suplementar de Moreno, encontrar o estado de espírito inspirador daquela massa humana.

O psicodrama se nos apresentava como método provocativo, rebelde, transgressor, subversivo e revolucionário, empolgando São Paulo em pleno “regime de exceção”, e deixou marcas densas em quem teve a sensibilidade de prová-lo.

Todavia, há um mistério e um paradoxo nesse acontecimento tão comemorado. Indaga-se: como uma realidade sociocultural daquela magnitude, com um aglomerado humano confraternizando-se num frenesi, conseguiu permanecer muda e calada diante das diatribes inquisitoriais ocorridas naquele mesmo instante?

Que indivíduos prometeram e para quem prometemos ser bons meninos?

Levanto a hipótese de que ocorreram fenômenos de psicologia social, mecanismos de defesa coletivos (deslocamento, negação, recalque), seja lá que psicodinâmica tenha ocorrido, permitindo ao encontro congressual sublimar o medo e transformando-o na maior expressão massificada de criatividade.

O período de 1968 a 1973, no qual 1970 se incrusta, foi uma das fases mais repressivas, se não a mais repressiva, da história brasileira.

Recorri ao livro de Boris Fausto (2001), *História concisa do Brasil*, para refazer algumas achegas de esclarecimento daquele momento da vida nacional.

O “capitalismo selvagem” era o predominante naqueles anos; a palavra “ecologia” não existia nos dicionários; o governo fazia megaprojetos, alguns destinados ao fracasso, como a Transamazônica, apenas para engordar as empreiteiras; os grupos armados urbanos, que davam a impressão de desestabilizar o regime, foram dizimados.

Entre 1970 e 1975, conforme nos informa a revista *Carta Capital* em seu número 574 (de 2 de dezembro de 2009), quinhentos militantes políticos foram torturados e quarenta deles foram mortos, só na capital de São Paulo. A atriz de novelas Bete Mendes era torturada exatamente em 1970. Nesse mesmo período, cadáveres eram ocultados em Perus e Vila Formosa. Nas eleições legislativas de 1970, a Arena (partido da ditadura) alcançara ampla vitória, traduzindo a alienação política em que nos encontrávamos. Por aquela época, houve uma repressão policial ensandecida às minorias radicais. Instalou-se a propaganda fascista do “Brasil, ame-o ou deixe-o”.

Insistia-se em consolidar o “milagre brasileiro”, seja lá o que isso viesse a significar. A censura à imprensa campeou de forma desastrada. A Guerrilha do Araguaia, equívoco de boas intenções, foi literalmente enterrada. Como ápice de terror do Estado, em 1975, Vladimir Herzog foi torturado e morto.

Tudo isso se apresentava no entorno do Congresso de 1970 do Masp. O sadismo perverso rondava-nos e fingíamos não saber. Ninguém viu? Ninguém percebeu? Não! Ninguém tinha a coragem de denunciar ou mesmo protestar. Todos éramos gatos escaldados, sofridos, perseguidos, vivendo uma expectativa de medos e esperança. Havia sabedoria nessa atitude. Hoje falamos daqueles dias com toques de ingênuo romantismo. *How shall we survive?* Nós ficamos para contar a história. Mas o congresso corria riscos reais. O fantasma do medo assustava, e quanto mais silêncio se fazia sobre o tema, maiores as incertezas. O medo solapa as energias, entristece a alma e impede a ação. Um sussurro, um cochicho, permitiam-nos vislumbrar boatos e uma hipótese tenebrosa: o Comando de Caça aos Comunistas poderia surgir a qualquer momento, transformando o Masp numa grande ratoeira.

Este era o sentimento predominante, mas, diga-se com justiça, enfrentado com dignidade e galhardia por todos.



No meio da multidão atônita, um homem solitário bradava contra a ditadura, “agitava”, como se dizia na época. Queria porque queria, de modo desabrido, que o populacho ali presente se manifestasse publicamente contra os desmandos. A comissão organizadora chamou-o para uma conversa particular, explicando-lhe o risco em que sua atitude voluntariosa colocaria o prosseguimento do conclave. Parece-nos que ele não se dera conta da violência institucional em que vivíamos, porém atendeu às ponderações com humildade.

Seu nome: Georges Lapassade – filósofo, sociólogo, psicanalista e psicodramatista francês. Foi o criador da “análise institucional”. Professor reconhecido em todo o mundo, participou do Maio de 68 em Paris. De vida pessoal simples e despojada, ao morrer, em 2008, com 85 anos, foi enterrado, a seu pedido, na sua cidade natal no interior da França.

Georges, um anarquista admirado, fora convidado especial de J. L. Moreno.

Num fragmento biográfico, Renée Grandin informou-nos que Lapassade retornou ao Brasil em 1972 para fazer uma conferência a quinhentas pessoas no Instituto de Psicologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). No entanto, estávamos ainda em plena ditadura, o que o levou a ser detido pelo governo e deportado para seu país.

Não se tem notícia de que durante as atividades do congresso qualquer assunto referente à política brasileira tenha sido discutido ou levado a dramatizações; entretanto, com certeza, sibilinamente, com metáforas psicodramáticas, o nosso protesto esteve presente, passando pelos desvãos da censura da polícia política ali presente.

Havia nos participantes um orgulho de estarem reunidos, enfrentando no “como se” da realidade suplementar o desamparo a que estávamos condenados.

Meus jovens leitores: é muito difícil reproduzir em palavras a emoção que nos irmanava naqueles idos, pois me faltam engenho e arte para tanto. Porém, estejam certos: ali no elegante prédio do Museu de Arte de São Paulo, que todos conhecem e frequentam, nasceu o psicodrama brasileiro em sua forma plena – o psicodrama público.

E, para atualizar esse acontecimento, permito-me anunciar a todos que essa ideia do verdadeiro psicodrama continua viva e brilhante no Centro Cultural São Paulo, todos os sábados às 10h30, sob a liderança afetuosa e carismática de Antonio Carlos Cesarino.

Tenho dito.

*Wilson Castello de Almeida*

Psicoterapeuta com formação em  
psiquiatria, psicodrama e psicanálise



## APRESENTAÇÃO

### UM CONGRESSO LIBERTÁRIO NUMA SOCIEDADE REPRIMIDA

Quando houve o V Congresso Internacional de Psicodrama e o I Congresso Internacional de Comunidade Terapêutica, em São Paulo, no encantador Museu de Arte de São Paulo (Masp), no mês de agosto de 1970, nós, autores deste livro, éramos ainda crianças e nem imaginávamos que um dia chegaríamos tão perto dessa experiência singular.

Quis o destino que hoje estivéssemos à frente desta honrosa iniciativa: a de resgatar a história ocorrida exatamente há quarenta anos.

Se o mito é o que se põe entre o humano e o não humano, podemos dizer que tal congresso insere-se na mitologia das psicoterapias, no Brasil, pelo espanto causado, pela novidade trazida e pelo clima de fábula, que inspirou muitas gerações.

A proposta era revolucionária: encenar na objetividade do palco psicodramático a subjetividade de cada um dos participantes e, ao mesmo tempo, a subjetividade do grupo (o seu inconsciente). Também, concretizar no teatro da improvisação todo o movimento da realidade psíquica e da gama de sentimentos, afetos e emoções daquilo que é humano, demasiadamente humano.

Quando entramos para a universidade, com a finalidade de cursar a faculdade de psicologia, já que nossa vocação se relacionava com essa matéria das ciências humanísticas, começamos a ouvir, aqui e ali, relatos sobre a abordagem psicodramática, encantando os que nela se envolviam, como aprendizes ou terapeutizando, e, assim, também nos permitimos tomar parte nessa proposta de ver e estar no mundo e nas relações.

Seguindo nosso destino, formamo-nos na Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama (ABPS), apoiando-nos no tradicional tripé: o próprio tratamento psicoterápico, o estudo teórico e a supervisão da prática. E ali, naquela escola de saber e afeto, conhecemos nossos respeitados e eternos mestres.

O interesse intelectual conduziu-nos para a carreira do ensino. Maria Aparecida Fernandes Martin tornou-se professora de fundamentos teóricos do psicodrama; Norival Albergaria Cepeda, professor de práxis psicodramática.

Nessa trajetória, cada vez mais chegavam até nós notícias sobre o famoso congresso; opiniões contraditórias, críticas acerbas e elogios apaixonados. Então, uma crescente curiosidade foi nos tomando, crescendo em nossa mente e coração, servindo de estímulo para a empreitada que deu origem à obra que agora está em suas mãos, caro leitor e colega.

Clínica e magistério nos encaminharam à pesquisa histórica e, pelos antecedentes de nossa virtuosa curiosidade, nos levaram à reconstituição dos possíveis dados do congresso.

Tivemos acesso a arquivos cheios de lembranças, fotografias esmaecidas e documentos estimulantes. Reconstruímos o perfil errático de um psicanalista e cientista social francês. Encontramos num “baú” o rol de certificados entregues a psicólogos e psiquiatras, por trabalhos científicos levados ao evento.

Uma preciosidade: o primeiro número da revista *Psicodrama*, a única no mundo com esse título exclusivo, produzida para o congresso.

Outra surpresa: um registro impresso sobre uma das atividades práticas, dentre tantas realizadas no Masp. O programa do congresso, amorosamente guardado, foi-nos presenteado; agora, compartilhamos esse presente com todos os nossos leitores.

No bojo do livro, teremos a oportunidade de nomear os colegas generosos e dadi-vosos e agradecer a eles.

E a lista dos diretores e egos-auxiliares atuantes? Muitas alegrias e muita saudade. Conseguimos, ainda, fragmentos de reportagens publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo*. Também, levantamos notas biobibliográficas de colegas falecidos que estiveram na linha de frente do movimento psicodramático brasileiro.

A tensão política da época – os chamados “Anos de Chumbo” – recebeu análise adequada, esclarecendo muitas dúvidas pendentes.

A crescente diversidade cultural e artística presente na cidade e no congresso também recebeu aqui especial atenção.

Nosso roteiro de trabalho incluiu entrevistas diretas, muitas conversas esclarecedoras, consultas aos arquivos da Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap) e da Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama (ABPS), aos acervos pessoais dos entrevistados, leitura de livros e teses, muitos telefonemas cruzando o Brasil e o uso pródigo da internet. Além disso, foram muitas as noites maldormidas, estudando, analisando e fazendo registros supostamente definidos.

Aqui está o produto final, para o qual esperamos que esteja destinada uma boa receptividade. Todavia, o que mais nos orgulha é o dever cumprido com a história do psicodrama brasileiro, pois o Congresso de 1970 é um ato fundador.

De nossa parte, em que pese não termos vivido aquele momento, por tudo que passamos e sentimos no decorrer desta pesquisa, pela realidade suplementar de J. L. Moreno, podemos afirmar com orgulho: nós, Cida e Nori, estivemos, sim, presentes no *Masp 1970: O Psicodrama*.

*Os autores*



# 1 A GERMINAÇÃO DAS IDEIAS MORENIANAS EM TERRAS BRASILEIRAS

*Amor, trabalho e saber são as fontes de nossa existência.  
Deverão regê-la também.*

Wilhelm Reich (1980)

*Tudo que nasce é sagrado.*

Jacob Levy Moreno (1992)

## Moreno e o psicodrama

O criador do psicodrama, Jacob Levy Moreno, médico, nasceu em 1889 em Bucareste, na Romênia, e foi criado em Viena, na Áustria, desde seus 5 anos até 1925, quando emigrou para os Estados Unidos, onde viveu até os 85 anos, falecendo em 1974.

O psicodrama é uma técnica psicoterápica, pedagógica e social com profundas raízes no teatro, na psicologia e na sociologia. “Do ponto de vista técnico, constitui um procedimento de ação e interação. Seu núcleo é a dramatização”, afirma-nos Rojas-Bermúdez (1997).

Wilson Castello de Almeida (1982) apresenta-nos Moreno com as seguintes palavras:

Como psiquiatra, interessou-se pelas formas de relacionamento humano que pudessem contribuir para a compreensão, a melhora, a cura ou o conforto de seus pacientes, privilegiando o tratamento em grupo. Criou o psicodrama em 1921; descobriu o teatro terapêutico, a partir do teatro da espontaneidade, em 1923; lançou os conceitos de psicoterapia de grupo em 1931 e as bases da sociometria em 1932.

O psicodramatista José Manoel D'Alessandro (1999), em artigo publicado no antigo jornal da Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama (ABPS), destaca a influência do teatro na vida de Moreno:

Na década de 1920, em Viena, o psiquiatra Jacob Levy Moreno cria o psicodrama. Tal criação é resultante da união de seu trabalho clínico de consultório com sua atividade como diretor do que ele mesmo denominou de “teatro espontâneo”, que consiste na representação de peças teatrais sem texto prévio. Ou seja, a partir de um tema, ou de um ou mais personagens imaginados, os atores espontâneos que emergem da plateia vão criando e “escrevendo” uma peça à medida que a encenam.

Com sua visão clínica percebe que tais representações dramáticas sem texto prévio têm a capacidade de produzir mudanças comportamentais nos atores. Descobre então que pode dirigir as representações espontâneas para uma finalidade psicoterápica.

A partir dessa descoberta, desenvolve um método de psicoterapia que tem como ação central a dramatização espontânea. Desenvolve também uma teoria psicológica a partir desse método.

D'Alessandro (1999) afirma que o psicodrama baseia-se “no jogo de ‘faz de conta’ que surge naturalmente no ser humano”. Segundo esse autor, “a natureza oferece à espécie humana a capacidade de realizar ações simbólicas. [...] a criança, a partir dos 3 ou 4 anos de idade, resolve muitas de suas dificuldades e correspondentes tensões emocionais realizando ‘sessões de faz de conta’”.

Ressalta, ainda, D'Alessandro (1999) que o psicodrama é

[...] uma teoria psicológica e um método psicoterapêutico, tendo como instrumento central a ação simbólica, ou o jogo de “faz de conta”, ou a dramatização. Podemos considerar a dramatização como um ato de ficção. Nesse jogo de faz de conta, tudo é possível. Pode-se viver qualquer tipo de emoção, qualquer situação, próxima à realidade, ou fantasias as mais complexas e absurdas. Embora, em certas situações, as sessões de psicodrama possam ser individuais, o método se realiza plenamente em grupo.

Para J. L. Moreno (*apud* D'Alessandro, 1999), o psicodrama representa, historicamente, “o ponto decisivo da passagem do tratamento do indivíduo isolado para o tratamento do indivíduo em grupos; do tratamento do indivíduo com métodos verbais para o tratamento com métodos de ação”. Desse modo, de acordo com D'Alessandro (1999), “a ação é o que se busca objetivar. A ação do passado, por exemplo, uma recordação da infância, será revivida na dramatização e, portanto, objetivada através da ação presente”.



Ainda segundo D’Alessandro (1999), o psicodrama “é fenomenológico gestáltico” que “procura criar condições, através do jogo de ‘faz de conta’, para possibilitar o fenômeno no ‘aqui e agora’”. Diz ele textualmente:

A dramatização é a fase central da sessão. É através desta que o protagonista (etimologicamente, o principal lutador) tem a possibilidade de vivenciar suas fantasias, as mais desejadas, as mais conflitivas. Pode vivenciar conflitos atuais ou antigos, reviver sonhos, experimentar situações futuras etc.

O psicodrama não se confunde com teatro. Este último tem caráter apenas alegórico. Na dramatização não se busca “representar bem” do ponto de vista da estética teatral. O paciente não precisa “gostar de teatro” ou “ter jeito para teatro”. O psicodrama tem sua estética sim, mas é a estética da espontaneidade, da saúde, da graça bio-psico-sócio-espiritual.

A atividade psicodramática pode ser dividida, conforme proposta de D’Alessandro (1999), em duas áreas: a psicoterápica e a socioeducacional.

Na área psicoterápica, o psicodrama demonstra “ser um valioso método para evidenciar as defesas conscientes e inconscientes do paciente, bem como suas condutas e quadros patológicos” (Rojas-Bermúdez, 1997). Para D’Alessandro (1999), “o psicodrama atinge camadas mais profundas do psiquismo através da vivência do jogo simbólico, da análise desse jogo e da vivência grupal”.

A respeito da área socioeducacional, D’Alessandro (1999) lembra que “o psicodrama pode tomar as mais variadas formas, de acordo com a finalidade: ensino, orientação pedagógica e educacional, seleção e treinamento de pessoal etc.” E acrescenta: “As dinâmicas que surgem nos grupos permitem uma intervenção adequada no desenvolvimento de determinado papel dependendo do contexto: empresas, escolas ou qualquer outro tipo de instituição”.

Em 1936, Moreno, estabilizado profissionalmente nos Estados Unidos desde 1927, constrói, na cidade de Beacon, o primeiro “teatro terapêutico”, em torno do qual instala uma clínica psiquiátrica e um instituto para formação em psicodrama.

Em meados dos anos de 1950, viveu-se um período de expansão e consolidação do psicodrama: as contribuições morenianas estavam, enfim, sendo reconhecidas pelas comunidades terapêuticas e científicas. Nessa época, Moreno concentrou seus esforços no estabelecimento de dois importantes órgãos: a Associação Internacional de Psicoterapia de Grupo (IAGP) e a Associação Internacional de Psicodrama (Marineau, 1992).

Em 1964, o instituto de J. L. Moreno – World Center for Psychodrama, Group Psychotherapy and Sociometry – é reconhecido oficialmente e passa a patrocinar os congressos internacionais de psicodrama. O primeiro ocorreu nesse mesmo ano, em Paris.